

O IMAGINÁRIO POPULAR NA LENDA DO NEGÃO DO SURUCUÁ: EXPERIÊNCIAS DO PIBID COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Lareska Severo Vidotto Gardim ¹
Lucineia Maria Lazaretti ²

RESUMO

O objeto deste resumo refere-se ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Educação Infantil, especificamente uma experiência didática em uma turma de Infantil V de uma Escola Municipal na região noroeste do Paraná. O objetivo é relatar as ações de ensino direcionadas à partir de gêneros discursivos na educação infantil e as interações com a aprendizagem da docência. Este relato fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural e compreende a linguagem como uma função que se desenvolve pelas interações sociais e pela mediação cultural. Para isso, a metodologia configura-se como um estudo qualitativo que articula pesquisa bibliográfica e relato de experiência, utilizando observação participante e registros fotográficos. Portanto, os estudos realizados derivam de autores que dialogam sobre a linguagem escrita. A experiência se movimenta a partir da narrativa de uma lenda regional do "Negão do Surucuá", e foi organizada nas seguintes ações pedagógicas: Distribuição de Bilhetes; Encenação de Teatro e teatro de Fantoques; Declamação de Poesia; Roda de Conversa Dialógica; Oficina de Artes; Reconto Oral. As crianças participaram dessas ações propostas pelas pibidianas, durante 2 semanas, demonstrando interesses pelas práticas sociais da linguagem. Assim, essas experiências valorizam as culturas locais e os repertórios literários vivos, enriquecendo as vivências das crianças por meio do teatro de fantoches e oficinas artísticas. Os resultados revelaram que a abordagem lúdica e culturalmente referenciada não apenas promoveu a apropriação da linguagem em seu uso social, mas provocou um profundo sentimento de pertencimento e valorização das manifestações culturais locais. Desta forma, o PIBID atua como um percurso rico para a formação docente inicial, em especial na Educação Infantil, compreendendo a importância das interações e brincadeiras que considerem a linguagem escrita, permitindo que o licenciando articule os estudos teóricos com os desafios do cotidiano escolar, resultando em práticas pedagógicas intencionais, significativas e transformadoras.

Palavras-chave: Educação Infantil, PIBID, Práticas Culturais, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Estadual do Paraná, por meio de seu subprojeto na Educação Infantil, aproxima a criança das práticas culturais de linguagem como um processo que se constitui de modo ativo e dinâmico. A abordagem prioriza a aproximação da criança com a cultura escrita por meio das

1Graduanda do Curso Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - PR, vidottolaeska@gmail.com;

2 Professora Orientadora do PIBID na Universidade Estadual do Paraná - PR, lucylazaretti@gmail.com;
Relato de experiência vinculado ao PIBID/CAPES/UNESPAR.



brincadeiras e interações, compreendidas como pilares da educação infantil, conforme defendido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009), por Vygotsky (2001) e Baptista, Silva e Neves (2023). Nesse contexto, o PIBID consolida-se como um espaço vital de articulação entre teoria e prática pedagógica. Proporciona aos futuros profissionais a oportunidade essencial de vivenciar o cotidiano escolar, permitindo uma reflexão ativa sobre o fazer docente e seus desafios.

Por conseguinte, ressalta-se:

(...) garantir que os estudantes dos cursos de licenciatura se aproximem da escola e, nela, conheçam algumas práticas do campo profissional e sejam capazes de construir reflexões sobre essas práticas e os saberes que as fundamentam. Trata-se de ir além de se conhecer a escola e seus sujeitos. Trata-se de estabelecer redes, conhecer os mecanismos de atuação profissional, produzir conhecimento sobre esses mecanismos, os interferentes do cotidiano do trabalho dos professores e modos de intervenção, sempre marcada por uma ação intencional e pedagogicamente bem delineada. (SILVEIRA, 2015, p.362-363)

Dessa forma, compreende-se que o PIBID transcende a concepção de um estágio ou apenas a aproximação com a sala de aula, o programa se estrutura como um verdadeiro laboratório de práticas pedagógicas, no qual o licenciando é convidado a ser um pesquisador de sua própria formação e da realidade escolar. Portanto, essa imersão inicial e acompanhada no ambiente profissional permite que o futuro docente confronte suas idealizações sobre a carreira com os desafios concretos da sala de aula.

O PIBID atua como um catalisador e Silveira (2015, p. 366) aponta como um de seus maiores trunfos, viabilizar que "o estudante da licenciatura tenha oportunidade de participar das práticas escolares para que elas se constituam em elementos formativos que serão problematizadores de tensões conceituais." Essa problematização é fundamental, pois é na tensão entre o idealizado na universidade e o vivenciado na escola que o conhecimento se solidifica. As vivências no PIBID permitem reconfigurar a visão do licenciando sobre a própria educação, demonstrando que é possível construir práticas significativas e transformadoras, indo muito além daquilo que, a princípio, nos é proposto.

Nesse contexto, o presente artigo é um relato de experiência que tem como objetivo relatar as ações de ensino direcionadas à partir de gêneros discursivos na educação infantil e as interrelações com a aprendizagem da docência. Essa experiência ocorreu em uma turma do Infantil V com 20 crianças em uma Escola Municipal situada na região noroeste do Paraná. A análise se debruça sobre as percepções e reflexões acerca de três eixos centrais: as práticas culturais de linguagem na educação infantil, as interfaces entre aprendizagem e desenvolvimento das crianças e os impactos do PIBID na formação docente inicial. Para



alcançar tal objetivo, a metodologia foi um estudo teórico associado a um relato de experiência.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, estruturado por meio de um levantamento bibliográfico associado a um relato de experiência. De acordo com Minayo (2017), a pesquisa qualitativa permite trabalhar com o universo de significados, motivos e atitudes, o que se adequa à proposta de refletir sobre a reconfiguração da visão docente no contexto do PIBID. O campo de estudo foi uma turma de Infantil V, composta por 20 crianças, em uma Escola Municipal situada na região noroeste do Paraná. O percurso metodológico iniciou-se com a fundamentação teórica baseada nos pressupostos de Vygotsky (1984, 2001) e autores contemporâneos sobre linguagem na educação infantil. A coleta de dados e registros ocorreu durante as intervenções do subprojeto PIBID/alfabetização da Universidade Estadual do Paraná, utilizando como instrumentos a observação participante, o registro em diários de campo e a documentação fotográfica das produções das crianças. A análise dos dados foi realizada de forma reflexiva, confrontando a teoria acadêmica com as vivências práticas mediadas pela cultura local e pelos gêneros literários.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS COM OS GÊNEROS LITERÁRIOS

As discussões acerca do desenvolvimento da linguagem escrita na Educação Infantil têm gerado intensos debates. Frequentemente, a escrita é tratada como um campo puramente técnico e mecânico, visando uma alfabetização precoce e formal. Em contrapartida, este trabalho defende uma concepção mais ampla, compreendendo-a como um campo de experiências e vivências significativas. Propõe-se, portanto, que a escola se constitua como um ambiente de ampliação das múltiplas linguagens, pautado pelo respeito aos processos singulares de desenvolvimento.

Nesse contexto, a intencionalidade pedagógica deve superar o reducionismo da codificação e decodificação. Cabe ao professor, como mediador, promover experiências que permitam às crianças atribuir sentido à escrita a partir de seus usos sociais e afetivos, seja ao registrar hipóteses, nomear produções ou comunicar-se. Assim, a escrita revela seu caráter de prática cultural, deixando de ser uma técnica estéril para se firmar como um instrumento de expressão e significação do mundo (Baptista, Silva e Neves, 2023).



Sob a perspectiva de Vygotsky (1984, 1995), a linguagem escrita é um sistema de signos complexo que não se reduz à transcrição da fala. Os autores Baptista, Silva e Neves (2023) reforçam que esse processo de apropriação situa-se muito antes da escolarização formal. Desde o nascimento, as interações por meio de choros, balbucios e gestos evoluem para o desenho e a brincadeira de faz de conta, que funcionam como autênticos precursores da escrita. Ao desenhar ou brincar, a criança exercita a simbolização gráfica e a capacidade de narrar experiências, transformando imagens em linguagem e marcando o cerne da transição para a cultura letrada.

Segundo Nunes, Baptista e Corsino (2023), acompanhar essa apropriação é participar de um momento fundamental de construção da realidade. Diante disso, os gêneros literários emergem como objetivações das práticas de linguagem, pois apresentam a língua em seu uso social vivo e dinâmico. Como aponta Araújo (2017), as crianças experimentam diversos eventos com a linguagem escrita muito antes de lerem formalmente, desde que lhes sejam oferecidas oportunidades de contato com diferentes práticas sociais mediadas pela escrita. Como aponta Araújo (2017, p. 352):

Como sujeitos que se interessam pelas práticas socioculturais em que se inserem, as crianças – desde que tenham oportunidades para tal – experimentam diversos eventos de letramento bem antes de saber ler e escrever, eventos ligados a diferentes práticas sociais mediadas pela escrita e aos gêneros discursivos delas decorrentes.

Uma vez estabelecida a compreensão da linguagem escrita como prática social e cultural, as vivências com gêneros literários na Educação Infantil acompanham a criança em seu cotidiano e a imersão qualificada nesse universo oferece possibilidades para a descoberta das funções sociais e estéticas da escrita. Para a criança pequena que tem no lúdico e na imaginação seus principais instrumentos de apreensão da realidade, são textos como contos, poemas, parlendas, bilhetes, lendas, narrativas orais e entre outros, que agem como uma porta de entrada afetiva para a cultura letrada. Longe de serem meros pretextos para o ensino de letras ou palavras isoladas, esses gêneros apresentam a língua em seu estado mais vivo e funcional. É por meio das narrativas, dos ritmos e das brincadeiras que a escrita se revela não como um código mecânico a ser decifrado, mas como fonte de interesse e expressão. Essa imersão nutre o imaginário infantil e, simultaneamente, familiariza a criança com as estruturas linguísticas que darão suporte à sua própria produção. Consequentemente, o uso intencional dos gêneros torna-se um aliado fundamental para materializar a concepção vygotskiana de escrita, superando definitivamente a visão mecanicista (VYGOTSKY, 2001).



Ao considerarmos a ação de ensino que será discutida neste trabalho, apresentamos às crianças as múltiplas possibilidades que a linguagem escrita oferece. Explorando uma lenda, por exemplo, que é muito mais do que ler uma história; é investigar personagens, antecipar desfechos e brincar com a entonação, permitindo que as crianças compreendam como as palavras constroem universos inteiros e percebam que a escrita serve para encantar, informar, organizar e interagir com o mundo.

Ao discutir as lendas, Coelho (2003), apoiando-se em autores como Brandão (1999) e Jolles (1930), explica que elas são narrativas referentes a um passado distante, transmitidas entre gerações. Diferente de outros gêneros, a lenda se caracteriza por sua transmissão folclórica e espontânea, podendo ser contada por qualquer indivíduo.

Pereira (2017), declara que a fruição de narrativas infantis vai além do entretenimento.. Ao ouvir histórias, a criança desenvolve a consciência metalinguística e habilidades metacognitivas, o que permite não apenas a compreensão da relação entre sons e letras, mas essencialmente a ampliação do vocabulário e a capacidade de expressar processos de pensamento.

Nesse sentido, a literatura regional revela-se um componente fundamental no processo de aquisição da linguagem, especialmente na Educação Infantil. Considerando que o desenvolvimento infantil transita do concreto ao abstrato, o uso de lendas locais nesta proposta permitiu que as crianças desenvolvessem o sentimento de pertencimento, promovendo o reconhecimento e a valorização das narrativas orais como patrimônio cultural. Dessa forma, a proposta pedagógica a partir da lenda local do "Negão do Surucuá", utilizou gêneros como o bilhete (ingresso) e o poema (apresentado em teatro de fantoches).

A utilização do poema "O Assobio do Rio: A História do Negão do Surucuá" buscou valorizar a cultura de Paranavaí, despertando nas crianças o pertencimento ao território por meio dessa figura lendária do noroeste paranaense. A linguagem poética, marcada pela musicalidade e pelo mistério da personagem de "pele escura como a noite", mobilizou a imaginação e a curiosidade. Essa imersão literária expande o repertório simbólico infantil e assegura o acesso aos bens culturais, direito fundamental defendido por Santos, Silva e Santos (2025) na construção de significados e na preservação da memória local.

Foto 1- Negão do Surucuá





Fonte: Reprodução / Redes Sociais (2022).

O Negão do Surucuá, como a imagem, é retratado como um homem que vivia nos arredores do Rio Surucuá, próximo às matas da cidade, e cuja presença marcante, misteriosa e envolta em boatos, o tornou símbolo da cultura local. O trabalho com essa narrativa oral foi realizado por meio da declamação de um poema, que possibilitou conversas ricas sobre identidade, respeito às diferenças, escuta e imaginação coletiva. Além disso, a história do Negão do Surucuá apresenta uma riqueza simbólica e visual que estimulou a expressão criativa das crianças, favorecendo produções artísticas e autorais por meio de desenhos e recontos.

A proposta teve início com a encenação de um teatro, no qual cada criança recebeu um bilhete de entrada como na foto a seguir:

Foto 2 – Bilheteria



Fonte: Arquivo da autora (2025).

As crianças participaram de forma lúdica e envolvente, vivenciando a experiência de entregar o bilhete na “bilheteria”, como em uma verdadeira ida ao teatro. A seguinte vivência visava principalmente criar a oportunidade de novas experiências significativas e além do



cotidiano infantil. A utilização intencional do bilhete, um gênero discursivo específico e funcional, que Araújo (2017) destaca a importância de as crianças experimentarem diversas práticas socioculturais mediadas pela escrita. Além disso o bilhete, neste caso surgiu como um objeto cultural com função social evidente, a garantia de acesso à experiência conectando o mundo real e o ficcional, conforme destacado por Silveira (2015) sobre a ação intencional.

Desta forma, articulados com Pereira (2017), compreende-se que o universo cultural, ao ser explorado com intencionalidade pedagógica, informa e impulsiona processos de desenvolvimento de habilidades distintas. Ao vivenciar experiências culturais, como o teatro, a narrativa oral e a produção artística, as crianças ampliam seus repertórios simbólicos e constroem sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

Em seguida, baseado no exposto acima, apresentamos um teatro de fantoches, durante o qual foi realizada a declamação do poema sobre o Negão do Surucuá, personagem do imaginário popular local.

Foto 3 – Teatro de fantoche.



Fonte: Arquivo da autora (2025).

Ao observarmos a imagem, consideramos de extremo impacto destacar que a eficácia da ação pedagógica esteve intrinsecamente ligada à construção de uma ambientação imersiva. Ao lado do cenário do teatro, foram organizados estrategicamente objetos antigos, como lamparinas, utensílios de barro e ferramentas rústicas, que simulavam a vida simples e a relação estreita do Negão do Surucuá com a natureza. Esses artefatos não foram meramente decorativos, funcionaram como mediadores culturais que permitiram às crianças estabelecerem comparações concretas entre a vida sem eletricidade do personagem e a realidade tecnológica contemporânea, com o objetivo de simplificar a temporalidade e a memória, transformando objetos físicos em suportes para a investigação histórica e social.



Assim, após a declamação do poema durante o teatro de fantoches, realizou-se uma roda de conversa, no qual as crianças foram convidadas a refletir sobre o passado e o presente. Foram feitas perguntas como: “*Na casa de vocês tem luz?*”; “*Quem mora perto da natureza ou perto de um rio?*”; “*Será que os responsáveis de vocês conheceram ele?*”

Desta forma, abrimos um espaço de comparação entre a vida sem luz elétrica com o cotidiano atual e o modo de viver próximo à natureza. A presente troca possibilitou a ampliação da linguagem oral, o respeito às opiniões entre as crianças e a construção de significados sobre o tempo, a cultura e a memória. A roda de conversa, como espaço de interação dialógica, é o principal motor do desenvolvimento da linguagem na perspectiva Vygotskiana (2001), no qual a criança, ao interagir com o mediador e os pares, constrói e organiza seu pensamento, integrando o discurso poético e a realidade histórica. Além disso, a materialidade do cenário complementou a narrativa poética, permitindo que as crianças se aproximassem da narrativa através dos objetos antes mesmo de interpretá-lo nas palavras.

Por fim, encerramos a proposta por meio de uma exploração de materialidades e suportes, na qual as crianças utilizaram giz de cera sobre lixa para expressar, por meio do desenho, suas impressões sobre a história ou personagens da narrativa. As ações descritas fundamentam-se pelos ideais de que as práticas pedagógicas que, por sua vez, são estruturadas entre as interações e a brincadeira. Frequentemente, o ensino da escrita na educação infantil recai na armadilha apontada por Vygotsky (1984, p. 119), “Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita”. Ao compreendermos que a linguagem escrita transcende a mera decodificação de símbolos alfabéticos, destacamos o registro visual a seguir:

Foto 4 – Produção artística a partir da narrativa oral.



Fonte: Arquivo da autora (2025).



A presente imagem mostra uma produção significativa do processo de desenvolvimento da linguagem e escrita infantil. O desenho configura-se, neste momento, como um precursor da linguagem escrita, pois envolve a simbolização gráfica das ideias e a transição da imagem para a narrativa. Essa abordagem se justifica porque, como afirma Baptista (2010, p. 4), a criança é uma “produtora de cultura” e a escrita é “um elemento importante dessa cultura”. O interesse da criança pela escrita surge de sua interação com o mundo. Portanto, o foco pedagógico deve ser o uso social da língua, e não sua decodificação mecânica. Ressalta-se a explicação do aluno “A” sobre seu desenho: “- *Olha professora, aqui é ele e o rio, e como ele morava na natureza tinha animais, aí fiz uma onça e os passarinhos*”.

Sendo assim, compreende-se que o desenvolvimento da linguagem ocorre por meio da participação ativa nas interações verbais. A fala do Aluno "A" revela processo de apropriação do gênero narrativo, pois ele utiliza o desenho para contar a história e a linguagem oral para contextualizar e detalhar a produção, demonstrando a compreensão da função social da narrativa. Desta forma, a relação entre o desenho e a fala dele exemplifica a "simbolização gráfica" citada por Baptista, Silva e Neves (2023).

Ademais, a dimensão subjetiva da experiência literária manifesta-se na produção artística da imagem a seguir, que ilustra a singularidade das interpretações tecidas pelas crianças. Ao analisarmos minuciosamente este registro, identificamos elementos que transcendem a descrição literal da lenda, revelando como a narrativa poética mobiliza afetos e provoca a construção de novos significados no imaginário infantil.

Foto 5 - Produção artística com interpretação do poema.



Fonte: Arquivo da autora (2025).



Ao conversar e escutar a aluna L, a mesma expressou que: *O negão precisava de amor, porque ele se sentia sozinho. mas ai ele pegou fogo junto com a casa.* Diante dessas percepções, a análise de uma das interpretações mais emblemáticas da turma revela que o engajamento com a obra extrapolou o cenário físico da lenda, alcançando dimensões éticas e afetivas. Ao inferir que o personagem "precisava de amor" ou "sentia-se sozinho", o aluno demonstra uma interação dialógica com os sentidos do texto, conforme postulado por Santos, Silva e Santos (2025). Essa apreensão de desfechos implícitos evidencia que a linguagem escrita na Educação Infantil é um processo que envolve a oralidade e a escrita como instrumentos de elaboração emocional e compreensão das fragilidades do mundo. Assim, a literatura afirma-se como um direito fundamental ao acesso a bens culturais que nutrem, simultaneamente, a sensibilidade e a ética infantil.

Desta maneira, a literatura infantil, como direito ao acesso a bens culturais, permite que a criança interaja dialogicamente com o texto para compreender a si mesma e ao mundo (Santos, Silva e Santos, 2025). A presente construção de protagonismo foi potencializada por estratégias como a bilheteria e rodas de conversa, que ampliaram a oralidade e o senso de pertencimento. Por fim, a análise das produções artísticas reiterou o papel do lúdico e do desenho como precursores da escrita, consolidando a linguagem como ferramenta essencial de expressão e cognição (Baptista, Silva e Neves, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato envolve o processo de vivência da linguagem escrita na Educação Infantil e, para isso, é necessário que as crianças estejam imersas na cultura escrita de forma significativa e funcional, de modo a reconhecer a beleza e a necessidade social da escrita. Visto isso, a importância dos gêneros literários como objetivações da cultura escrita é evidente, ou seja, proporciona o contato com a língua em seu uso mais rico e simbólico.

A vivência com gêneros, especialmente, aqui apresentada lenda do "Negão do Surucuá", mediada por diferentes gêneros, como o uso do bilhete e a declamação do poema, como práticas que inseriram a escrita e a leitura em um contexto lúdico e culturalmente referenciado, transformando o código em uma fonte de interesse e pertencimento. Além do mais, as atividades de roda de conversa e a produção artística permitiram que a criança atuasse como sujeito ativo, expressando a compreensão da narrativa através da oralidade e do desenho, consolidando a construção de sentidos sobre a história local. Por fim, a capacidade de planejar, executar e analisar esta prática com tamanha profundidade ressalta a contribuição



do PIBID na formação docente inicial. O programa oferece o espaço reflexivo necessário para que o licenciando confronte a teoria com o cotidiano e desenvolva a intencionalidade pedagógica necessária para construir práticas que vão além do proposto inicialmente, garantindo uma educação infantil de qualidade, centrada na criança e na cultura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. C. de. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 344-361, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce>. Acesso em: 27 out. 2025.

BAPTISTA, M. C. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO E MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 4 out. 2025.

BAPTISTA, M. C.; SILVA, H. A. L. da; NEVES, V. F. A. Leitura, escrita e alfabetização: o que a educação infantil tem a ver com isso? **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 2, p. 169-182, 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 21 jan. 2026.

COELHO, M. do C. P. **As Narrações da Cultura Indígena da Amazônia: Lendas e Histórias**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Qualitativa: Teoria, Método e Criatividade**. 14. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

NUNES, M. F; BAPTISTA, M. C; CORSINO, P. Projeto leitura e escrita na educação infantil: contribuições para uma política de formação. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, p. 1-16, 2023.

PEREIRA, P. D. C. G. A importância do resgate de mitos e lendas regionais na educação infantil. **Revista Científica Instituto Saber Ciências Integradas**, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://isciweb.com.br/revista/270-a-importancia-do-resgate-de-mitos-e-lendas-regionais-na-educacao-infantil>. Acesso em: 14 jan. 2026.

REPRODUÇÃO / REDES SOCIAIS. [Negão do Surucuá]. In: MORAIS, L. **Negão do Surucuá: PM que atendeu local da morte dá entrevista 25 anos depois**. Paranavai: Portal da Cidade, 2022. Disponível em: <https://paranavai.portaldacidade.com/noticias/cidade/negao-do-surucua-pm-que-atendeu-local-da-morte-da-entrevista-25-anos-depois-2432>. Acesso em: 11 dez. 2026.

SANTOS, A. C. dos; SILVA, J. N. da; SANTOS, S. G. dos. Literatura e educação infantil: dos limites de uma prescrição curricular ao direito à leitura na infância. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, n. 23, 2025.



SILVEIRA, Helder Eterno da. Mas, afinal: o que é iniciação à docência? **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 10, n. 2, p. 354-368, maio/ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2015v10n2p354-368>.

VIGOTSKI, L. S. La Prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. Capítulo 7. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III**. Problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 1995. p. 183-206.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

